

Os significantes do barroco e as (des)dobras do inconsciente¹

Lenice Pimentel²

Você deve saber melhor do que eu que se escreve é com palavras. (Autran Dourado)

Não há dúvida de que o escritor se sente como um pai em relação a sua obra. (Sigmund Freud)

Resumo

Este artigo expõe, através do referencial psicanalítico, a leitura dos significantes barrocos que perpassam a narrativa autraniana. O texto, funcionando como palco do inconsciente, encena a materialidade da letra capaz de contracenar com outras linguagens. Na interseção literatura/psicanálise, no rastro do significante, constrói-se o novo texto com os cortes, (re)cortes, dobras, (des)dobras e (re)dobras dos resquícios de um Barroco que está entranhado na cultura brasileira.

A narrativa de Autran Dourado estimula o leitor a buscar novas leituras em seus romances, ao tempo em que nos remete para um movimento literário – o Barroco – que não parou no tempo histórico. Com a ajuda do referencial psicanalítico, buscamos uma leitura dos significantes barrocos que perpassam a narrativa autraniana, apresentando o texto como palco do inconsciente ao encenar a materialidade da letra capaz de contracenar com outras linguagens. Na interseção literatura/psicanálise, no rastro do significante, fomos construindo um novo texto – a tese - com os cortes, (re)cortes, dobras, (des)dobras e (re)dobras³ dos resquícios de um Barroco que está entranhado na cultura brasileira. O Barroco, em Autran Dourado, atualizado na própria cadeia significante em seus movimentos circulares, será analisado em três obras significativas do autor: *A barca dos homens* (1961), *Ópera dos mortos* (1967) e *Os sinos da agonia* (1974).

Sob a égide da perspectiva barroca, que traduz o sentido contraditório da vida, faz-se a análise de alguns aspectos das personagens, especialmente as personagens femininas, em seus conflitos psíquicos. Percorrendo os caminhos do texto, as temáticas do olhar, do silêncio, da paixão, do duplo e da morte, como formas transgressoras para viver o desejo, mereceram

nossa atenção. A tese, lugar de inscrição do sujeito, mostra que, na posição de arte, a literatura usa da ambigüidade, tão própria ao Barroco, para falar do desejo. O texto autraniano é, ao mesmo tempo, o real da escritura e o ponto de (res)surgimento do ato poético iluminado, no presente trabalho, pela psicanálise ao evidenciar a persistência dos significantes. Mas, quais as palavras que se prestam para escrever uma tese que se coloca na interseção entre literatura e psicanálise? A palavra, parece-nos, não importa. O importante é escrever para manter o desejo que não se cansa de se dizer.

Escrever exige o corte da navalha que deixa escorrer algo impossível de ser retido. Esse impossível são as sobras, os restos, os objetos a⁴ na linguagem lacaniana, nunca recuperados na sua totalidade pela escrita. Para sempre, ecos de desejo pulsional presos em tecido-linguagem a se esgarçar indefinidamente. Os textos de Autran Dourado, autor mineiro de alma tridentina, jogando com as categorias do Barroco, são, ao mesmo tempo, o real da escritura e o ponto de (res)surgimento do ato poético iluminado pela psicanálise que pretende adentrar-se por seus labirintos.

Fascinante e sedutor, o texto convida para o possível desvelamento de seus significantes encenados pela subversão que a linguagem proporciona no interior da escritura. Palco de

¹ Apresentação da tese de doutorado em literatura – UFAL, na QUINTA-CULTURAL em março/2000.

² Doutora em Literatura, professora da UFAL e membro do Centro de Estudos Freudianos do Recife.

³ Essas expressões, como na arte origami, escondem nas palavras originais múltiplas possibilidades, à semelhança do Barroco. Há um não-dito onde parece que tudo já foi dito. As expressões que se repetem, acrescentadas de sufixos musicais, são inspiradas no livro: DELEUZE, G. *A dobra: Leibniz e o Barroco*. Campinas: Papirus, 1991.

⁴ Objeto a é o grafo do desejo; da falta. O que desloca o sujeito na cadeia significante.

Os significantes do barroco e as (des)dobras do inconsciente

tragédias, amores e paixões levados às últimas conseqüências, a literatura, ainda assim, presencia o fracasso do simbólico. Algo deixa de ser dito para novamente se dizer. Roda do tempo. Roda do imaginário, real e simbólico.⁵

Este estudo tem a intenção de ressaltar a literatura como um objeto possível de ser articulado com a psicanálise em extensão⁶ para construirmos um novo texto a partir do desejo⁷ que Lacan expressa como inscrição do objeto a, sendo este paradigma para essa nova criação. O desejo se estabelece no momento mesmo da existência humana, sendo fundante do sujeito pelo traço da falta - falta que leva à novas experiências.

O Barroco, sedimentado pela opressão da Contra-Reforma, tende a se expressar através do excesso de sua retórica, das antíteses, da circularidade, entre outros, escolhendo a via onírica, chistes e atos falhos, em suas metáforas e metonímias, para efetuar esse deslocamento. A psicanálise chama a esses últimos formações do inconsciente. É notável a presença dos processos inconscientes na literatura. Soterrados sob as camadas do consciente, do narrado, os elementos inconscientes reaparecem no sem tempo do psiquismo das personagens, permitindo a interseção pretendida.

Autor do século XX, Autran Dourado atualiza o Barroco, consolidando-o num estilo que dá força e magnitude à sua narrativa. Essa atualização é compreendida na cadeia significativa quando o romancista realiza o deslizamento do Barroco histórico para o simbólico no Barroco, que foi a perspectiva da tese. Esse caminho foi trilhado através dos romances já anunciados.

O cenário barroco se presta para que as tensões e os conflitos do homem do século XX sejam problematizados nesses romances, e a psicanálise, na (re)leitura feita por Jacques Lacan, (com)parece como possibilidade para efetuarmos nossas pretensões. Pela via do simbólico, logo, do significativo em sua materialidade, construímos nosso caminho. O saber que a obra

contém foi o nosso farol, pois o texto é o real com que nos deparamos; é com ele que marcamos o nosso encontro nesse processo criativo, uma vez que "o real é o ponto de interseção entre a teoria da psicanálise e o ato poético".⁸

Da interseção entre literatura e psicanálise esperamos que se articule algo entre a experiência analítica - a psicanálise em intenção - e o topos da psicanálise no mundo - a psicanálise em extensão, como denominou Lacan. A feita da tese nos ensinou sobre as obras literárias. Tecendo com os fios da linguagem, aprendemos a direcionar nosso olhar para a luz que só aparece quando adentramos no encoberto/significante das palavras.

Este texto perscruta-nos de onde o escrevemos pois, na busca dos significantes barrocos necessitamos aguçar os sentidos para as dobras e (des)dobras do inconsciente presente nas linhas que hoje compartilho com tão privilegiada platéia. À semelhança do discurso do inconsciente, também nele, no texto literário, encontramos os espaços vazios, as hiências, as lacunas e as torções produzidas pela linguagem em sua potência de significativo. Nesses espaços vazios realizamos uma possível (re)escritura a partir de um já escrito que logo se desgarrar da matriz para se encenar em um novo palco. O texto/tese, ao se ligar com outros discursos do inconsciente, produz efeitos/rasgos de significação com vistas a preencher outras faltas.

As temáticas próprias do Barroco e suas figuras de linguagem foram vias para chegarmos a um saber que só é possível pelo ato poético, pela criação, ou seja, lá chegamos pelo real do texto, perquirindo o que está "sob as escamas das palavras" para dar conta dos conflitos, dilemas e angústias no homem do século XX que guardam semelhanças com os já vividos pelo homem do Barroco. Nesse percurso, o autor não se prende ao tempo histórico como já salientamos, a ele transcende e o ultrapassa. Sua perspectiva é moderna e universal. Esse movimento dialético acontece na cadeia significativa.

⁵ Imaginário, Simbólico e Real são os registros de inscrição do sujeito. O imaginário é o não-corte, é a unidade com o Outro. É o lugar da outra-cena. Espaço para o simbólico comparecer, pois aí é o lugar da palavra não-dita. Do sentido esquecido. Espaço da relação dual. O simbólico é o espaço da linguagem. Espaço da relação triádica. O real é o inapreensível; o impossível. Os três registros funcionam interligados pelo nó borromeu. Lacan os define (1971,72,73,74 e 75), como

sendo a "cadeia de três e tal que em se destacando um dos seus anéis os dois outros já não podem se manter ligados".

⁶ A expressão "psicanálise em extensão" surge com a necessidade de se efetuar uma leitura psicanalítica da obra de arte, aceitando que a experiência que se situa entre fato e ficção, entre sonho e realidade, possibilite uma interpretação produtora de sentido. Descobrir o valor de condensação que porta uma personagem, e aí, encontrarmos o poético.

Remexendo nas dobras do texto, fomos (des)velando o que o romancista arquitetou ao escrever o seu desejo. As marcas barrocas, sutilmente, foram surgindo em seus tons de claro/escuro. Na atmosfera *chiaroscuro*, nossas considerações acerca dos resquícios barrocos, presentes nos romances autranianos, foram sendo elaboradas a partir do olhar, da voz, da angústia, do temor à morte, do duplo, da linguagem, do desejo, da paixão vividos pelas personagens. A psicanálise, nosso estofado teórico, lançou a luz necessária para a compreensão das formas inconscientes que o Barroco assume na sua retórica. Assim, é que podemos entender que é no avesso do sentido que o texto marca o sentido. Os teóricos arrolados ao longo do trabalho, Wölfflin, Hatzfeld, Afrânio Coutinho, Afonso Ávila, Sarduy, Irlemar Chiampi - do lado do Barroco - Freud, Lacan, Juan-David Nasio - do lado da psicanálise, entre outros, auxiliadas que fomos pelos críticos da literatura - Ruth Silviano Brandão, Lucia Castello Branco, Roseli G. Alves da Rocha, Ernestina Carreira e Maria Consuelo C. Campos, forneceram o suporte necessário para este empreendimento. Partindo do axioma lacaniano de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, e de sua (re)elaboração dos conceitos de significante e significado, é que efetivamos nossa leitura, (re)atualizando-a na cadeia significante. Aí, o Barroco se desloca permitindo encontrar novos significados. Ou seja, os novos significados para o Barroco surgem como um efeito dos significantes, uma vez que literatura é trabalho; é matéria de carpintaria; é a linguagem nas mãos do 'oleiro' sensível que molda, dobra, (des)dobra, (re)dobra, constrói, (des)constrói o tecido textual para fazer arte/história. Autran Dourado mostra que a literatura se produz na linguagem e pela linguagem e é aí que ela faz laço com a psicanálise, que dela se utiliza para o seu discurso. Nesse laço/traço, à luz da interdisciplinaridade, algo se constrói. Autran Dourado, não podendo fugir à repetição, é assolado pela sensação de estar escrevendo o mesmo livro a cada novo livro.

(cont.)⁷ Se há algo sempre presente na experiência humana é o desejo. Lacan afirma (1987, pp. 280-1), que a experiência freudiana "começa por estabelecer um mundo de desejo", para logo em seguida acrescentar: "O desejo [...] é desejo de nada que possa ser nomeado." O desejo é marcado pela falta. ... (cont.)⁸ GUIMARÃES, Dinara Machado. *Vazio iluminado: o olhar dos olhares*. Rio de Janeiro: Notrya, 1993.

O movimento, o movimento heraclítico, é o que importa. É de significação que o Barroco trata - repetir, dizer de novo de forma criativa, engendrando novas significações ao já estabelecido. É o repetir como a psicanálise entende. "É um sempre não ceder a seu desejo. Um sempre sustentar esse desejo"⁹, que aciona a existência.

Trabalhando na interseção psicanálise/literatura, vimos que Freud tinha razão quando ensinou que a teoria do inconsciente não possuía o saber sobre o literário. Os escritores antecederam os psicanalistas. Na literatura, na poesia, na lingüística, há muitas lições sobre o inconsciente que foram e sempre serão úteis à psicanálise. Como referencial teórico, a psicanálise não nos forneceu a chave para desvendar o enigma da esfinge. Porém, nos estimulou a buscar nos textos de Autran Dourado uma possível leitura para os riscos, os traços, os resquícios, as tramas, as teias, o tecido que teimava em se esconder do nosso olhar. Nessa perspectiva, sabemos, muitos outros riscos ficaram nos desvãos da escrita tortuosa do escritor, porque impossível de ser apreendida em sua plenitude. O próprio autor nos alerta: "*a simplicidade e limpidez [na obra] são enganosas, conseguidas a duras penas, há sempre um alçapão ou esparrela escondidos*" (UPR, 25)¹⁰ na estrutura aberta do barroco. As múltiplas leituras encontram, assim, sua porta de entrada, mas, também, suas indagações. São esboços.

Entendemos que, ao nos aproximarmos do final do milênio, a psicanálise, sobretudo na vertente lacaniana, com seus conceitos de significante e significado, ampliou as possibilidades de leitura do texto poético/literário. Numa analogia com o Freud arqueólogo do inconsciente, escavando terras desconhecidas, hoje nos aproximamos do literário para ancorar aquilo que aparece como formação inconsciente nos textos. São textos em outros textos; é o estilo *pensée pensante* adequando-se a essa forma barroca que perpassa os textos, transgredindo a ordem.

Nos romances estudados, os significantes barrocos arrolados exigiram paciência para "*narrar e desnarrar*,

⁹ Lição aprendida com Freud. Lacan efetua seu retorno a Freud, não como simples repetição, mas "coerente com os princípios da experiência da análise" (Cesarotto, 1992:52).

¹⁰ Obra de Autran Dourado— *Uma poética de romance* (1976).

Os significantes do barroco e as (des)dobras do inconsciente

tecer e destecer" (NDN, 46),¹¹ cuidando para não perder o risco do bordado. *A barca dos homens, Ópera dos mortos e Os sinos da agonia* encenam o espetáculo barroco nas ruas labirínticas de Minas Gerais, por onde desfila a agonia das personagens mortas em efígie, aprisionadas aos próprios desejos, desejanτες. Utilizando-se da retórica barroca, os barroquismos do autor se corporificam nesses romances com a força da linguagem. Malvina, Gaspar, Januário, João Diogo Galvão, Rosalina, João Capistrano Honório Cota, Lucas Procópio, Juca Passarinho, Maria são os atores/personagens que vivem a agonia metaforizada nos dobres dos sinos, na ópera dos mortos ou à deriva da barca dos homens. Os romances, todos eles, são atravessados pelas pulsões inconscientes, pelo desejo que marca a falta como inscrição do sujeito. Nos dobres dos sinos, no rumorejar das ondas do mar, nos ecos da ópera, o "texto flutua entre a metáfora e a ferida,"¹² à procura do olhar/leitura que dê sustentação à sua existência; a procura do olhar que vara a escuridão da angústia em busca do Outro¹³ desejado.

As Minas, com seus barroquismos, nos parecem, representam o Outro autrâniano. Nos desvãos da linguagem, o enigma deve permanecer. "[...] o dia em que eu entender as Minas Gerais, acho que paro de escrever."¹⁴ A repetição se faz necessária.

A literatura e a psicanálise - ficção e ciência - se encontram e se enriquecem a partir do movimento poético produzido pela linguagem. Os movimentos do mar, das ondas, dos sinos, da ópera, dos relógios, do desejo, rimando barrocamente nas letras dos romances, às vezes, em profundo silêncio, às vezes em alaridos, produzem novas significações como efeito do jogo significante.

Na psicanálise, deparamo-nos com o significante que esbarra na letra e nela busca o que está na borda, sob as escamas da palavra, cavando o buraco, incitando o surgimento de um novo significante, que encontra em Lacan a condição de fazer a passagem da literatura para o que ele chamou de literalidade, para dar conta de uma nova verdade, onde a potência da letra, a instância da letra

no inconsciente, gera uma nova razão. A literatura age no sujeito levando-o a cultivar a ilusão como uma das faces do ser humano, enquanto o literal prefere agir no real para assegurar o lugar da ilusão. Afinal, é no avesso do discurso, um discurso que é do Outro, que podemos mudar a linguagem - psicanalistas e escritores.

Não seria avesso o discurso que se perfila na escrita tortuosa de Autran Dourado, apontando para o Barroco? Não é para o lado do simbólico, presente no Barroco, que ele solicita nosso olhar? O sentido está no avesso do discurso; no discurso do Outro. Por outro lado, ficamos com a sensação de que Rosalina, Maria, Malvina, Gaspar, Januário, João Capistrano Honório Cota, Juca Passarinho e tantas outras personagens, feitas no papel, no movimento da letra, transportam a mesma angústia, quer seja a do homem do século XVII - Barroco, ou do século XX, e XXI, quem sabe? - do homem moderno. Essa sensação é algo próximo ao *Unheimlich* freudiano.

A linguagem é o húmus amado para o campo da literatura - o texto fala - e matéria prima da psicanálise - a cura vem pela fala. A literatura, como a psicanálise, se expressa no e pelo simbólico.

Concluindo esta breve exposição que tentou resgatar o traço humano que desliza pelos escritos de Autran Dourado por intermédio da linguagem rendilhada do Barroco, deixo que os colegas psicanalistas pensem no movimento do inconsciente como inscrito nessa ordem. No texto poético, aprendemos que "a vida depende dessas pequeninas coisas, do fio de um pavio, do sutil fio de uma aranha tecedeira fazendo e desfazendo, criando e recriando o mundo para a gente ler, como uma teia para nos prender" (NDN, 14)¹⁵ ao desejo de existir. Do texto do analisante, aprendemos/aprendemos os movimentos pulsionais de uma vida, indicando que o sutil das coisas e a inscrição do traço próprio são feitos na cultura, como leitores apaixonados pelo mundo, pela arte literária.¹⁶

¹¹ Idem. *Novelário de Donga Novais* (1978).

¹² MOISÉS, Leyla Perrone. *Texto, crítica e escritura*. São Paulo: Ática, 1978.

¹³ A noção de Outro, "grande Outro, grafado com maiúscula, é um espaço de novos significantes que o sujeito encontra ao ingressar no mundo; é uma realidade discursiva de que fala Lacan no Seminário 20.

¹⁴ SENRA, Angela M. de Freitas. *Autran Dourado*. São Paulo: Abril Educação, 1983, p.9. (Coleção 'Literatura Comentada')

¹⁵ Romance do Autor. *Novelário de Donga Novais* (1978).

¹⁶ BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987. A idéia é que o texto de prazer se ligue à uma prática confortável de leitura.

Os elementos barrocos propiciaram a dialética entre o real, o simbólico e o imaginário que se articulam no subterrâneo da escrita. O texto continua solicitando o movimento do olho para engendrar novos significantes. “[...] veja a ilusão do barroco [...] veja o jogo de luz e sombra [...] o senhor vai achando sempre uma novidade” (OM, 6). Novos fios podem ser puxados. Nossos próprios fios.

No final de tudo, acompanhando o ritmo pulsional dessa escritura, a tese revela-se como objeto provisório do nosso desejo. Matéria frágil que goza nos meandros da linguagem, presa à tessitura dos significantes. É parte. É sobra. É resíduo. Resíduos barrocos do nosso próprio inconsciente, ainda construção narcísica de um desejo errante que a todo tempo insiste na quebra da relação especular. Assim, imaginário, simbólico e real, peças do nó borromeano, convidam para novos enlaces.

Referências Bibliográficas

Barthes, R. (1987). *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva.

Deleuze, G. (1991). *A dobra: Leibniz e o Barroco*. Campinas: Papyrus.

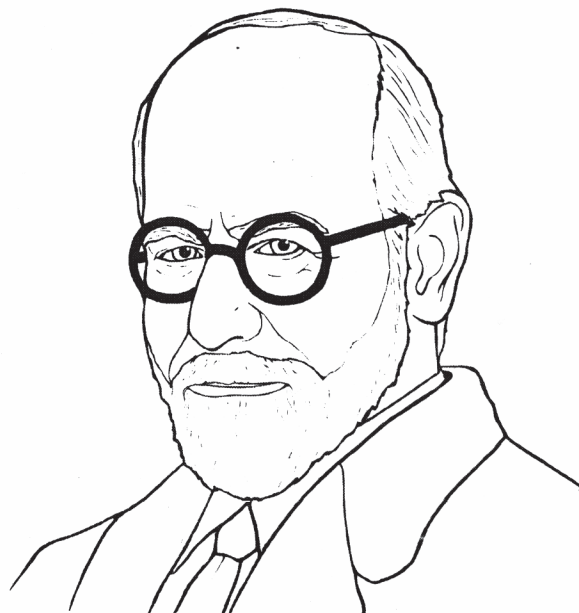
Dourado, A. (1976). *Uma poética de romance – matéria de carpintaria*. Rio de Janeiro: DIFEL/Difusão Cultural.

_____. (1978) *Novelário de Donga Novais*. Rio de Janeiro: DIFEL/Difusão Cultural.

Guimarães, D. Machado. (1993). *Vazio iluminado: o olhar dos olhares*. Rio de Janeiro: Notrya.

Moisés, Leyla Perrone. (1978) *Texto, crítica e escritura*. São Paulo: Ática.

Senra, A. M. de Freitas. (1983). *Autran Dourado*. São Paulo: Abril Educação. (Coleção ‘Literatura Comentada’).



“E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência.”

Sigmund Freud (1906)